

## IMAGENS DE CONTROLE E ESCRITAS DE SI/DO OUTRO NA CONSTRUÇÃO DE *MARIA FIRMINA DOS REIS, UMA VOZ ALÉM DO TEMPO: PRIMEIROS APONTAMENTOS*<sup>1</sup>

*Eixo Temático 06 – Corpo e Gênero na Arte como Potência e Vida em Memórias  
e Ressignificações da Existência*

Nayara Macedo Barbosa de Brito <sup>2</sup>  
Mayara Kaline Gomes da Silva <sup>3</sup>

**RESUMO:** Propomos um exercício analítico-interpretativo em torno do espetáculo *Maria Firmina dos Reis, uma voz além do tempo*, de Júlia Martins. Tomamos como aspectos de observação, de um lado, a presença de diferentes “imagens de controle” (COLLINS, 2019) aludidas na dramaturgia/cena; e, de outro, os elementos que apontam para uma dramaturgia composta na forma de uma “escrita do outro” (a escritora Maria Firmina dos Reis) articulada a uma “escrita de si” (a própria atriz-dramaturga). Este exercício é parte de uma pesquisa em desenvolvimento no âmbito do estágio pós-doutoral em curso no PPGLI/UEPB e que se propõe a uma revisão e atualização críticas de resultados anteriores, atentando para as iniciativas lideradas por mulheres na dramaturgia/cena no contexto da região Nordeste entre 2015 e 2021.

**Palavras-chave:** Teatro brasileiro do Nordeste; dramaturgia brasileira do Nordeste; dramaturgia de autoria de mulheres; imagens de controle; escritas de si/do outro.

---

<sup>1</sup> Esta discussão é parte dos resultados do projeto de pesquisa *Fruto do nosso ventre: as experiências de Violetas e Isto não é uma mulata no contexto da dramaturgia/teatro brasileiros contemporâneos*, em desenvolvimento no âmbito do estágio pós-doutoral realizado pela professora orientadora (bolsista FAPESQ-PB) no PPGLI/UEPB, em colaboração com a autora.

<sup>2</sup> Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente realizando estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da UEPB, [nay\\_brito13@hotmail.com](mailto:nay_brito13@hotmail.com).

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura plena em Letras – Português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [mayara.ddgomes@gmail.com](mailto:mayara.ddgomes@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

As reflexões que seguem partem de uma pesquisa em desenvolvimento no âmbito do estágio pós-doutoral em curso no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba desde setembro de 2021 e que conta, a partir de 2022, com a participação, na qualidade de estudante de iniciação científica, da licencianda em Letras-Português Mayara da Silva.

Na referida pesquisa, propomos uma revisão e atualização críticas dos resultados de investigações anteriores realizadas em torno das dramaturgias brasileiras contemporâneas. Para tanto, empreendemos um desvio em relação ao corpus de estudo objeto de nosso mestrado, centrado no trabalho de dramaturgos atuantes no Sudeste do país entre 2002 e 2012, olhando, agora, para as iniciativas lideradas por mulheres nos âmbitos da dramaturgia e da cena no contexto da região Nordeste entre os anos de 2015 e 2021.

No sentido de pensar essa produção a partir de referenciais teóricos alinhados à crítica feminista interseccional, com a qual as discussões empreendidas nos trabalhos cênicos observados dialogam, lançamos mão de ideia de “imagens de controle”, de Patricia Hill Collins (2019), como um conceito operativo. A presença de diferentes imagens de controle aludidas na dramaturgia/cena da amostragem selecionada (segundo critérios que apresentaremos na sequência, no tópico sobre a Metodologia) é tomada, então, como um primeiro aspecto para análise.

Um segundo aspecto diz respeito à inscrição de muitos desses trabalhos naquilo que Diana Klinger (2012), a partir dos estudos de Phillippe Lejeune, chamou de “espaço biográfico”, na medida em que há, nesses trabalhos, uma presença significativa de dramaturgias construídas a partir de histórias pessoais, elaboradas na forma de “escritas de si/escritas do outro” (KLINGER, 2012) – ou, nos termos de Janaína Leite (2017), enquanto “autoescrituras performativas”. Nesta ocasião, apresentamos, como estudo de caso, um dos espetáculos selecionados da amostra: *Maria Firmina dos Reis, uma voz além do tempo*, de Júlia Martins, discutindo os modos como os aspectos acima indicados foram formalizados esteticamente no texto/cena.

Em *Maria Firmina...* conhecemos uma parte da vida e da obra da escritora que dá título ao trabalho e que é considerada a primeira romancista negra brasileira. Como sua vida e obra, o espetáculo aborda, em primeiro plano, a questão racial brasileira, notadamente as contradições

advindas da abolição decretada em 13 de maio de 1888. O trabalho não estabelece, contudo, uma mimese estereotipada da mulher negra escravizada. Apesar de haver uma personagem indicada, no roteiro, como “Escrava”, sua representação, ao trazer, por exemplo, em trechos do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, referências da realidade objetiva enfrentada por milhares de pessoas negras no período colonial, não se confunde com a de um estereótipo, não naturaliza a posição de “escrava”.

Além de trechos de outras obras da escritora, Martins traz, ao longo do espetáculo, ora em primeira, ora em terceira pessoa, Maria Firmina em diversas fases de sua vida. É interessante observar como sua biografia se cruza, em dado momento, com a da própria atriz-dramaturga, que traz à cena pelo menos um fato de sua própria vida: uma (das) experiência(s) de racismo que sofreu enquanto estudante do Ensino Fundamental de uma escola pública do Maranhão. Ao narrar esse episódio em cena, Martins destaca o fato de que a professora em questão, responsável pela atividade que provocou, na turma, o episódio referido, era, também, uma mulher negra. Essa figura professoral conecta, assim, as biografias e os sentidos tecidos pelo espetáculo.

Ao compararmos as duas professoras representadas, temos, de um lado, uma que parte da experiência pessoal traumática da atriz enquanto aluna e, de outro lado, a que remete à Firmina professora e que, mesmo tão distante do espaço presente, é um símbolo de resistência e inspiração.

Assim, Martins exercita esteticamente, entre as duas professoras, uma relação de “outridades” (KLINGER, 2012), estabelecendo uma relação de encontro de vivências. A figura da professora Firmina representa, no espetáculo, um recorte biográfico da escritora. A outra professora, que parte da experiência pessoal da atriz-dramaturga, indica que não se trata de uma autoperformance (LEITE, 2017), pois enquanto a vivência é da atriz como aluna, a representação que a atriz faz em cena é da professora. A existência dessas três “personagens” (a Firmina professora, a Martins aluna (representada indiretamente) e a professora de Martins) evidencia que a escrita de si sempre pressupõe o Outro.

A análise esboçada até aqui acerca de *Maria Firmina...* demonstra como as representações a que poderíamos associar a imagens de controle ligadas à figura da mulher negra escravizada não se sustentam, enquanto tais, diante de algumas estratégias adotadas na criação, como a alusão a referências da realidade objetiva enfrentada pela população negra no Brasil colonial, que afasta a possibilidade de uma representação estereotipada. Outra estratégia, que se revela central no espetáculo, é a junção de relatos de experiências reais e de ficção – logo na abertura temos um trecho do “Hino da Libertação dos escravos”, de autoria de Maria

Firmina dos Reis, ao que segue uma autoapresentação da atriz-dramaturga. Essa estratégia demonstra como há algo para além do “eu” nas “escritas de si”. Como afirma Klinger (2012, p. 35) “o escritor [aqui, a atriz-dramaturga] não tem como prioridade contar sua vida, mas elaborar um texto artístico, no qual sua vida é uma matéria contingente.”

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

O desvio em relação às obras estudadas até 2015 a que nos referimos antes teve como ponto de partida um levantamento de dados em cinco dos principais portais de crítica teatral atuantes no país e de artistas/coletivos/trabalhos que já conhecemos e acompanhamos. Interessava, à nossa amostragem, trabalhos [1] realizados entre 2015 e 2021; [2] cujo texto, performance ou encenação comentado tivesse autoria e/ou direção de uma ou mais artistas mulheres; e aqueles [3] cujas artistas fossem naturais de/radicadas em algum Estado do Nordeste e que produzissem prioritariamente nessa região.

Não obstante, dado o número reduzido de trabalhos a que chegamos dentro do recorte indicado, deparamo-nos com a necessidade de fazer algumas concessões e considerar, também, espetáculos cuja direção é assinada por homens – como é o caso de *Maria Firmina dos Reis, uma voz além do tempo*. No entanto, mesmo nesses, a colaboração das artistas envolvidas, seja na atuação, na dramaturgia ou noutra função criativa, foi determinante para as escolhas poéticas efetuadas no trabalho.

Alguns conceitos elaborados pela crítica feminista – como o de “imagens de controle” (COLLINS, 2019) – vieram contribuir sobremaneira com a revisão proposta, possibilitando análises que consideram as produções simbólicas/estéticas numa relação produtiva com a realidade na qual estão inseridas. A essa noção, na qual amparamos nossas primeiras análises, temos articulado as de “escrita de si/do outro” (KLINGER, 2012) e a de “autoescrituras performativas” (LEITE, 2017). Os comentários acerca de *Maria Firmina...* são realizados, aqui, à guisa de primeiro exercício analítico-interpretativo a articular os dois aspectos pretendidos, bem como seus respectivos amparos teóricos.

Esse exercício se tornou possível a partir do acesso a dois materiais: o registro em audiovisual de uma das apresentações do espetáculo<sup>4</sup>; e seu roteiro<sup>5</sup>, disponibilizado por Júlia Martins (2021) no artigo que escreveu acerca do trabalho para a Revista Farofa Crítica – e que

<sup>4</sup> Ver em: [https://www.youtube.com/watch?v=I2qD3ke\\_is](https://www.youtube.com/watch?v=I2qD3ke_is). Último acesso: 04 de julho de 2022.

<sup>5</sup> Ver em: [https://drive.google.com/file/d/1y4J9nVekg11tDcyoQ3WA\\_mMpZXR8jyDY/view](https://drive.google.com/file/d/1y4J9nVekg11tDcyoQ3WA_mMpZXR8jyDY/view). Último acesso: 04 de julho de 2022.

foi publicado, também, no portal de mesmo nome, a partir de cujo levantamento tomamos conhecimento desse espetáculo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Para Patricia Hill Collins (2019), as “imagens de controle” atuam como uma ferramenta estruturante das sociedades de passado colonial; sendo assim, se constituem como algo mais do que meros estereótipos, ou seja, meras representações equivocadas ou pejorativas, atuando como “disfarce ou mistificação de relações sociais objetivas” (2019, p. 135-6), aparentando-se, dessa forma, a fenômenos “naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana” (2019, p. 136).

Interessava-nos, pois, atentar para a presença dessas imagens – não só as elencadas na obra de Collins, mas outras, que pudéssemos identificar e descrever e que dissessem respeito, por exemplo, a mulheres atravessadas por outros marcadores sociais – no texto/cena produzido por mulheres no Nordeste entre 2015 e 2021; mais que isso, interessava-nos refletir sobre o tratamento estético-político dado a essas imagens nos trabalhos observados.

Mais recentemente, agregamos outro aporte teórico, no sentido de pensar, de maneira articulada à presença das “imagens de controle”, a inscrição de uma série desses trabalhos no chamado “espaço biográfico” (KLINGER, 2012). Embora não se organizem predominante ou estritamente enquanto um material autobiográfico ou mesmo autoficcional, os trabalhos que inscrevemos nesse “espaço” podem ser caracterizados segundo um modo específico de criação artística, que se aproxima da presença autobiográfica da/o autor/a, articulada ao texto ficcional. Isso se dá não pelo acréscimo de relatos pessoais, mas por meio de um pacto, ora implícito, ora explícito com a/o leitor/a ou público, onde as pistas de adequação ficcional ou referencial (ao real) são deixadas no texto.

Como estamos tratando de espetáculos cênicos, vimos trazendo a debate, também, ainda nesse campo, a ideia de “autoescrituras performativas” proposta por Janaína Leite (2017), que faz uma reflexão a respeito das múltiplas possibilidades de utilização de materiais biográficos na cena contemporânea, associando-a ao que vem sendo entendido por “teatros do real”. Nessa perspectiva, traz-se a/o artista para dentro da cena, não só enquanto personagem, mas como performer de uma escritura própria.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do levantamento de dados efetuado para a seleção da amostragem interessada, bem como dos exercícios de análise-interpretação já realizados, podemos afirmar a existência de um movimento quase unânime entre as (embora não exclusivo das) artistas criadoras da dramaturgia e da cena do Nordeste entre 2015 e 2021, que é o da exposição, em chave crítica, das imagens de controle associadas aos diferentes marcadores sociais que as identificam.

Nesse sentido, foi possível observar, no caso do espetáculo objeto de nossa reflexão aqui, que as representações a que poderíamos associar a imagens de controle ligadas à figura da mulher negra escravizada não se sustentam, enquanto tais, diante de algumas estratégias adotadas na criação, entre as quais destacamos a presença de dados biográficos relativos a Maria Firmina dos Reis e a Júlia Martins – uma escrita do Outro articulada a uma escrita de si. A trajetória da escritora representada revela a existência de uma mulher que, a despeito do contexto histórico em que estava inserida, consegue viver de forma livre e independente, amparada pela(s) atividade(s) profissional(is) a que se dedica: o magistério (e a escrita); o que, por sua vez, serão inspiração para mulheres contemporâneas a nós, conforme comentaremos a seguir.

Por ora, compreendemos que, pelo recurso à exposição da biografia de uma mulher cuja história enseja uma representação positiva, alternativa às imagens de controle que poderiam se ligar a ela, tem-se uma estratégia de desarme das representações estereotipadas que apenas reitera(ria)m as opressões que aquelas imagens sintetizam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Júlia:** O que motivou a fazer esse trabalho foi uma figura de extrema importância para a nossa história, para a história do nosso Maranhão. Uma mulher e negra; essa pessoa ela me inspira; me inspira a resistir, ela me inspira a nunca desistir; sobretudo essa mulher me inspira a **ESTUDAR**. (MARTINS, 2019, p. 2 – grifo da autora)

A declaração que a própria atriz-dramaturga dá numa das primeiras cenas do espetáculo aponta para a relevância do acesso a produções culturais que realizem representações positivas de sujeitos historicamente objeto de imagens de controle. Seja a partir de personagens reais, históricos; seja num universo estritamente ficcional. A necessidade desse tipo de produção se deixa ver, por exemplo, num comentário que a artista faz no artigo mencionado antes, a respeito

dos papéis estereotipados atribuídos a atrizes negras nas telenovelas e à sua resistência em identificar-se a esse tipo de representação (cf. MARTINS, 2021, p. 37).

A exposição em chave crítica de imagens de controle em cena e/ou a proposição de representações positivas e alternativas aos sujeitos a quem elas se dirigem têm a potência de atuar como ferramentas de desarme não apenas de um dado tipo de representação, mas de um modo de sociedade que ele ajuda a estruturar (cf. COLLINS, 2019, p. 135). Daí, por exemplo, o fato de artistas como Júlia Martins não estarem montando textos dramáticos pré-existentes, mas compondo suas escrituras em articulação com a própria criação cênica – e, em muitos casos, com a própria biografia ou com a biografia de outrem – e logo, o fato de esses textos não estarem formalmente publicados.

Um dos objetivos desta pesquisa, que segue em desenvolvimento no âmbito do estágio pós-doutoral indicado no início, é proceder à organização e publicação de alguns desses manuscritos como forma de socializar produções que propõem críticas ou representações alternativas a imagens de controle. Concomitantemente, seguimos refletindo, entre outras questões, a respeito dos aspectos aqui elencados em torno da produção cênica e dramática de autoria de mulheres do Nordeste mais recente.

## REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

GONZÁLES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS, São Paulo, SP, p. 223-244, 1984.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LEITE, Janaína. *Autoescrituras performativas: do diário à cena*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

MARTINS, Júlia. 2019. *Maria Firmina dos Reis, uma voz além do tempo*. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1y4J9nVekg11tDcyoQ3WA\\_mMpZXR8jyDY/view](https://drive.google.com/file/d/1y4J9nVekg11tDcyoQ3WA_mMpZXR8jyDY/view). Último acesso: 04 de julho de 2022.

\_\_\_\_\_. “Maria Firmina dos Reis, uma voz além do tempo”: diálogos entre modos de produção do Núcleo Atmosfera e Grupo Xamã Teatro. In: *Revista Farofa Crítica*, Natal, RN, v. 1, n. 1, p. 37-47, 2021.